

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2018v20n1p255>

BRABEC DE MORI, Bernd; LEWY, Matthias; GARCÍA, Miguel Ángel. **Sudamérica y sus mundos audibles**: cosmología y prácticas sonoras de los pueblos indígenas. Berlin: Gerb. Mann Verlag, 2015. 277 p.

María Eugenia Domínguez

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: eugison@yahoo.com

Vítor Vieira Machado

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: vieiramachado.vitor@gmail.com

Sudamérica y sus mundos audibles é, como o título antecipa, um livro no qual se reflete sobre a produção e a percepção de sons, sobre a escuta como modo de conhecimento. Trata-se de uma coletânea de artigos de grande abrangência geográfica e etnográfica: apresenta estudos realizados com materiais mesoamericanos, em sociedades andinas e com sociedades indígenas que habitam ou habitaram desde a Colômbia até a Terra do Fogo. Editada por Bernd Brabec de Mori, Matthias Lewy e Miguel Ángel García, e publicada na série *Estudios Indiana* do *Ibero-Ameriscanisches Institut* de Berlin, reúne artigos que, desde diferentes perspectivas, se referem à dimensão sonora da experiência, ao plano auditivo do conhecimento e a práticas musicais como modos de agenciamento. Temas esses que têm se feito ouvir com intensidade crescente nas ciências humanas desde as últimas quatro décadas e que ganhou novas ressonâncias nos últimos dez anos da mão da virada ontológica na antropologia. Contudo, os artigos reunidos não são homogêneos em termos teóricos, mas apresentam um leque de perspectivas que vão, de caso em caso, nutrindo-se da lógica dos fenômenos analisados. As várias abordagens presentes em cada uma

das três seções do livro fazem jus à enorme variedade acustemológica do subcontinente. Por sua vez, a variedade de estudos reunidos nesta coletânea não pode ser compreendida senão como manifestação da diversidade de tradições de pesquisa herdada por cada uma das contribuições apresentadas.

No que diz respeito aos Andes, os artigos de Juan Javier Rivera Andía e Joshua Shapero recuperam temas clássicos dentro da etnomusicologia andina como o do som das montanhas e dos rios, e seu poder para agenciar fenômenos no mundo humano. A partir da sua pesquisa na *Sierra de Lambayeque*, ao norte do Peru, Rivera Andía compara a flauta transversal *kinran pinkullu*, de execução feminina com a maraca, de execução exclusivamente masculina. O *kinran pinkullu* é um caso bastante extraordinário na organologia dos aerofones andinos (e até dos ameríndios sul-americanos), pois contradiz ou inverte o padrão praticamente dominante da execução masculina dos aerofones. Ambos os instrumentos estão associados com a comunicação entre humanos e não humanos, sendo assim, a relação com as montanhas, com as lagunas e, inclusive, com algumas imagens católicas é aqui musicalizada. Referindo-se à Mesoamérica, Sandra Cruz Rivera adota uma perspectiva que dialoga com a antropologia sensorial, apresentando uma comparação da percepção sonora entre grupos nahuas (do centro do México) e maias no período pós-clássico (do século X ao início do século XVI). A autora dedica-se a pensar o som desenvolvendo uma etnografia fundamentada em fontes coloniais e uma arqueologia sonora a partir de objetos materiais como cerâmicas, de códices e de outros documentos do século XVI. Trata-se de um original exercício de tradução translinguística cujas imagens são interpretadas em sua sonoridade. A autora conclui que a dimensão sonora foi em ambas as sociedades um canal privilegiado de comunicação entre humanos e deuses. As práticas rituais e o simbolismo em torno da percepção das sonoridades seriam alguns elementos comuns entre as culturas mesoamericanas, revelando um pensamento sensorial partilhado para além de possíveis diferenças linguísticas ou sociais entre eles.

Outros trabalhos da coletânea também pensam o som e a escuta com base em imagens e textos. Tanto o trabalho de Miguel Ángel García,

quanto o de Luísa Tombini Wittmann e o de Joshua Shapero têm por base a literatura, embora lidem com gêneros de escrita díspares entre si. Shapero revisita o romance do escritor e antropólogo peruano José María Arguedas (1911-1969), *Los ríos profundos*, de 1956, descrevendo os modos de evocação do som e o papel atribuído à música e aos instrumentos musicais indígenas e europeus nas narrativas de Arguedas. Já Miguel Ángel García recua temporalmente à literatura etnológica e aos demais escritos produzidos nas primeiras décadas do século XX para pensar as formas de escuta de antropólogos, missionários, militares e outros exploradores que visitaram a Terra do Fogo, no extremo sul do continente. A música dos yagan e selknam foi descrita por esses exploradores de modos similares, com adjetivos quase sempre pejorativos, dando-nos pistas da existência de uma escuta estereotipada entre eles. O autor introduz a noção de “contextos coloniais de audição” para dar conta dessa forma de escuta, chamando a atenção para as relações entre as dimensões ideológicas, os paradigmas estéticos e as formas de percepção que se registram em diferentes contextos sociais. O sujeito que escuta nunca está isento de disposições auditivas que modelam sua percepção da outredade. Desse modo, os ouvidos do colonizador, mais do que as estruturas fisiológicas, respondiam a aparatos culturais que impuseram a sua verdade sobre a produção sonora dos nativos sul-americanos por meio do texto escrito. Além de explorar esse argumento, o texto nos convida para uma des- e ressensibilização frente aos estímulos sonoros que o Ocidente – e com ele as ciências humanas – relegou outrora ao âmbito do insignificante. Luísa Tombini Wittmann também trabalha a partir de textos escritos, porém, com fontes dos séculos XVII e XVIII. Ela revela em que medida o encontro dos missionários jesuítas com a realidade musical dos tapuias dos sertões afetou as formas litúrgicas que os padres desenvolviam localmente. Nesse contexto evangelizador particular, a música como prática e ato, mais do que a palavra e a crença, predominou como meio de tradução intercultural. A opção dos jesuítas por investir no universo sonoro seguiu a lógica dos nativos, cuja espiritualidade, em contraste às concepções jesuíticas, era sensorial, corporal e musical. A autora coloca-nos assim frente à agência indígena ao longo da história, mostrando

que o contato entre jesuítas e tapuia foi muito mais complexo do que um processo unidirecional de aculturação.

Embora os artigos reunidos deem importância central ao som e à audição, os estudos das três seções do livro apresentam análises em que os sons, as imagens, as palavras e os gestos são pensados em sua sinestesia. Esse é o caminho que segue Jean Langdon ao analisar a viagem xamânica siona, um povo indígena da Amazônia colombiana. Os desenhos que aparecem na sua arte gráfica são ouvidos pelo xamã, que os traduz para a linguagem narrativa. Assim como este, vários estudos da coletânea baseados em estudos de materiais bastante diferentes mostram a centralidade da audição e do plano sonoro na experiência ritual. No artigo de Jonathan Hill, por exemplo, podemos encontrar algumas comparações entre exemplos da Guiana, da Amazônia peruana e do Brasil central. Para o autor, o som seria a peça-chave de ideologias comunicativas, oportunizando a criação de relações entre seres humanos e não humanos. Essas relações com povos de espíritos ou com o invisível, criadas por meio do canto ou de outras práticas musicais, não seriam necessariamente hostis, como enfatizam alguns estudos perspectivistas centrados na predação. Em alguns textos do volume, lê-se uma intenção de ampliar o perspectivismo em dois sentidos: no que diz respeito ao seu enfoque dado à percepção, usualmente reduzida por este ao campo da visão, e com relação à agência da estética dos sons. O texto de Douglas Ferreira Campello, por exemplo, mostra que é justamente por meio dos cantos que os Tikmũ'ũn (que vivem no Estado brasileiro de Minas Gerais) atualizam a noção de uma afinidade em potência – um “eterno cunhadismo”, nas palavras do autor – com o povo dos espíritos gaviões. Na interpretação de Campello, a palavra cantada no rito, quando os espíritos gaviões visitam a aldeia, contribui para a transmutação momentânea de perspectivas entre espíritos e humanos.

Em alguns casos, o poder transformador do som revela-se por meio das mudanças em sua própria materialidade. Pela noção de “turbulências”, por exemplo, Esteban Arias analisa os modos como os xamãs matsigenka do Peru atravessam as transições entre diferentes mundos perceptivos a partir da entonação de canções. As turbulências associam-se às mudanças de idioma e das qualidades materiais da

voz, identificando nesse âmbito as passagens entre mundos. Nora Bammer, por sua vez, estuda os cantos das agricultoras shuar (do Equador) descrevendo-os como meio propiciatório da fertilidade para as suas plantações. Por meio do seu estudo, ela demonstra que o poder transformador da música não é agenciado apenas por especialistas religiosos, logo a capacidade transmutacional da música não seria assim monopólio dos xamãs: as mudanças nas qualidades materiais da voz com que cantam as mulheres shuar revelam como a agricultora cantante em questão acaba transformando-se aos poucos em *Nunkui*, um ser invisível com poder para gerar fertilidade.

Ao analisar o sistema de conhecimentos de um *taita yajecero* da Colômbia, Mónica Sofía Briceño Robles descreve um sistema de práticas de cura em que a música é pensada como portadora de informação, desempenhando um papel importante no diagnóstico, na invocação e na cura. A música nesse sistema é pensada como entidade viva que deve ser alimentada para que nos proporcione em troca a cura. A música, dentro desse sistema de conhecimento, criaria conexões entre diferentes tempos e espaços, musicalizando relações com o invisível. Por sua vez, Marcela García López, que trabalhou com os uitoto do noroeste amazônico, também sublinha o poder agregador do canto, a dança e a performance ritual elaborada no *rafue*, não apenas no que diz respeito às relações com o invisível, mas também com as plantas, com os animais e com outros povos humanos com que se busca articular relações de boa vizinhança. Dialogando com outros estudos dedicados ao complexo de flautas sagradas sul-americano Edson Tosta Matarezio Filho analisa o papel das trompetes tikuna no agenciamento de relações tanto entre não humanos e humanos quanto entre categorias de gênero e idade entre os últimos. Para tal, ele traz ao centro de sua abordagem as técnicas de construção dos instrumentos e os sons que eles emitem. Descreve também os significados do sopro no pensamento tikuna, assim como em mitos associados ao complexo das flautas sagradas. Por meio desse percurso, encontramos no texto uma descrição da articulação de relações e uma moral de gênero, não em termos de hostilidade ou dominação de uns sobre outros, mas sim de complementariedade.

A partir de conceitos do multiverso pemón, da Venezuela, Matthias Lewy propõe uma ampliação da noção de perspectivismo ameríndio para além dos domínios da percepção visual, discutindo o papel do som em relação às teorias do neoanimismo, propostas por autores como Descola e do perspectivismo ameríndio, conforme elaboradas por Viveiros de Castro e Stolze Lima. Reformulando a discussão desde uma perspectiva auditiva, propõe em sua conclusão a ideia de um “sonorismo ameríndio”, como complemento oposto à separação dos sentidos (percepções visuais das auditivas). Desse modo, o sonorismo ameríndio busca (re)integrar a dimensão sonora ao perspectivismo. Assim como Lewy, Bernd Brabec de Mori aborda a relação entre ontologias humanas e não humanas a partir da experiência sonora, expandindo as ideias trabalhadas em teorias animistas e perspectivistas. Sua análise tem por base letras das canções de diferentes sociedades das terras baixas da Amazônia peruana, como as de língua arawak Yine e Ashéninka e as de língua pano Kakataibo e Shipibo-Konibo. É pelo canto que nessas sociedades transcende-se a rigidez das fronteiras presentes no mundo físico. Longe da lógica representacional, os cantos são analisados como técnicas sonoras que permitem atravessar as fronteiras de um mundo rígido em suas formas visuais.

Tudo isso leva Anthony Seeger a descrever uma passagem de um “ouvido fonográfico” nos anos de 1950 a um “ouvido etnográfico” nas primeiras décadas do século XXI. Desde os anos de 1950 até a última década do século XX, antropólogas e antropólogos depositaram grande interesse no registro de sons, da música e das performances dos discursos de seus interlocutores indígenas. Alguns, inclusive, editaram LPs de música indígena. Porém, tanto a escuta desses materiais quanto a música que eles registraram não eram grandes temas para reflexão em seus trabalhos. Foi a partir dos anos 1990 que ocorreu uma mudança significativa nos registros de áudio quando os indígenas passaram a produzir, eles mesmos, suas gravações. O crescente domínio de tecnologias audiovisuais entre eles também aumentou, diversificando os modos de registro dos sons, bem como sua produção. Na interpretação do Seeger, todos esses elementos foram contribuindo gradativamente para que os indígenas convencessem os antropólogos a compreender

a importância dos sons em tudo que os humanos e não humanos fazem e pensam. Tal mudança revelou-se a partir de uma série de etnografias sul-americanas – inspiradas pelas formas indígenas de perceber e conhecer –, que trocaram, nas décadas finais do século XX, a noção de “visão de mundo”, comum na antropologia, pela noção de “audição de mundo”.

Desse modo, a coletânea soma-se a uma tendência nas ciências humanas com enfoque na força criadora e transformadora do som e da audição, nos conduzindo, por sua vez, para formas de entendimento da percepção e conhecimento humano que se distanciam do naturalismo ocidental. Algumas das propostas da coletânea, inclusive, chegam a perguntar não apenas como escutam-conhecem os seres humanos, mas como o fazem entidades não humanas (como animais, plantas e espíritos, por exemplo). Se pensado como um processo, nos lembram os editores, o xamanismo implica cruzamentos de fronteiras espaciais e cosmológicas, transformações de plantas e animais em espíritos, de espíritos em humanos e animais, de humanos em animais, e toda uma série de traduções dos conhecimentos adquiridos nesses diferentes planos. Tais traduções se realizam por meio da escuta; os conceitos em questão dependem de formas de transmissão sonora. Para nos aproximar deles, sugerem, será necessário ressensibilizarmos nossas percepções em busca de ouvir tudo aquilo que, por ser invisível, ainda nos passa despercebido.

Recebido em 13/05/2018

Aceito em 14/05/2018